

2016

Revista da Sacra Ordem Dinástica, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria. 2016, 5ª Edição. 5º Ano.

Grão-Magistério da Sacra Milícia



FRA TI GAUDENTI NEWS

Em sua 5ª Edição da Revista Frati Gaudenti News trará um texto de Sua Alteza, o Príncipe, Dom Andre III Prinz von Trivulzio-Galli sobre às Ordens de Cavalaria Católicas.

**Sacra Ordem Dinástica, Militar e
Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de
Santa Maria.**

Grão-Mestre:

Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe, Andre III
Trivulzio-Galli

Arquiprior:

Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor,
Dom Antônio Carlos Rossi Keller.

Arquiprefeito e Grão-Prior:

Rev. Cônego Marcio Bogaz Trevizan

Arquicondestável:

Sir Ivair Antônio Cantelli de Oliveira, Conde
de Rubbiano.

Arquitesoureiro

Reverendíssimo Senhor Cônego Paulo Roberto
de Oliveira,

Vice-Tesoureiro do Grão-Magistério

Sir Márcio de Mello Braga,

Arquiconsultor Histórico

Dom José Maria da Piedade de Lancastre e
Távora, 11º Marquês de Abrantes

Arquiconservador

Sir Paulo Roberto de Souza Fernandes,
2º Cavaleiro-Hereditário de Souza-Fernandes,
Cavaleiro de Graça e Devoção

Arquiauditor

Sua Excelência o Senhor Conde Gustavo
Taricco, 9º Conde de Stroppa

Arquiospítalar

Reverendíssimo Senhor Pe. Alessandro de
Faria

**Diretor Espiritual dos Cavaleiros e Damas
Professos**

Reverendíssimo Senhor Pe. Gian Paulo Ruzzi



Avisos da Arquichancelaria

Página Oficial da Ordem e de seu Grão-Magistério: Anunciamos a todos que o endereço da Página Oficial da Sacra Milícia: <http://www.sacramilizia.com>

Escreva para o Grão-Mestre da seguinte forma:

Para a CASA PRINCIPESCA DE TRIVULZIO-GALLI, Caixa Postal nº 52, CEP 98500-000, TENENTE PORTELA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

Para escrever para o Grão-Magistério, o e-mail é granmagistero@outlook.com

Oração dos Membros da Ordem



ORAÇÃO DOS CAVALEIROS DA SACRA MILÍCIA.

Senhor Jesus que me chamastes a participar da Sacra Ordem Dinástica, Equestre, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria, te suplico humildemente, pela intercessão da Beata Virgem Maria, Rainha dos Céus, do Beato Bartolomeo de Breganze, do Beato Alberto da Bergamo, e de todos os demais Santos e Beatos da Sacra Milícia, para que me ajude a ser fiel às tradições da nossa Ordem, praticando e defendendo a Santa Religião Católica Apostólica Romana contra todos os Seus inimigos. Que o Vosso Evangelho seja para mim uma Armadura de Fé e um Escudo de Boa Vontade, Segura Defesa contra as forças do mal. Senhor Jesus, te peço, afim de que possa ter a Graça de exercitar a caridade ao meu próximo, especialmente os órfãos e pobres. Daime enfim a coragem de, segundo o espírito dos Evangelhos, com o ânimo desinteressado profundamente Cristão, a força de lutar pela maior Glória de Deus, pela Glorificação da Santa Igreja e pela Propagação da Fé, pela Paz no Mundo e pelo bem da Santa Ordem Dinástica, Equestre, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria. Dai-nos oh Beatíssima Virgem Pura: Fé, Pureza e Bravura. Amém.

Breves Notícias da Ordem

Pedidos de Ingresso na Ordem:

Os pedidos de Ingresso poderão ser realizados diretamente para o Grão-Magistério da Ordem, através do e-mail: secretaria@sacramilizia.com

As condecorações da Ordem, seguindo o modelo tradicional, serão confeccionadas pelo Sr. Júlio Cesar Servilha, Joalheiro de Câmara da Casa Principesca de Trivulzio-Galli, sendo que, como convém a tradição serão utilizados matérias nobres e banhos de ouro de 18k.

“Católico apostólico romano, o autor deste texto se submete com filial ardor ao ensinamento tradicional da Santa Igreja. Se, no entanto, por lapso, algo nele ocorra que não esteja conforme àquele ensinamento, desde já e categoricamente o rejeita”.

Sumário

.....	1
Avisos da Arquichancelaria.....	1
Oração dos Membros da Ordem.....	2
Breves Notícias da Ordem.....	2
Mensagem de Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe Grão-Mestre	4
Chancelaria Geral das Ordens de Cavalaria da Casa Princesca de Trivulzio-Galli	5
Grandes Arquipriores: Mons. Antonio Carlos Rossi Keller, Cônego Regular Militense e Bispo de Frederico Westphalen - RS.....	1
Diário de Publicações:.....	5
Nomeação de Comendador Jurisdicional	5
Nomeação de Delegado Provincial.....	5
Nomeações Religiosas:.....	5
Nomeação para Prior do Ceará.....	5
Nomeação para Prior de São Paulo e Capelão-Geral	5
Visita de Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe, Dom Andre III Prinz von Trivulzio-Galli a Delegação Provincial de São Paulo.	6
Missas em Honra ao Beato Bartolomeo de Breganze, Beato Grão-Mestre da Ordem, no Priorado do Ceará e de São Paulo	8
De passagem por São Paulo, em audiência privada, os Cavaleiros, Sir Márcio de Melo Braga, Cavaleiro-Comendador de Graça Magistral, S.O.M e Sir Paulo Roberto de Sousa Fernandes, Cavaleiro de Graça e Devoção, S.O.M encontraram-se com Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe, Dom Andre III Prinz von Trivulzio-Galli.....	9
As Ordens Religiosas Militares-Equestres e suas nuances históricas e diferenças das Ordens Honoríficas.....	10
Um Cavaleiro, uma Dama e seu Grão-Mestre: uma crônica.....	15
Especial: Imagem	18

Mensagem de Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe Grão-Mestre



Estimados Leitores, nesta 5ª Edição da Revista Frati Gaudenti News, encerraremos o ano de 2016 trazendo como matéria de Capa “As Ordens Religiosas Militares-Equestres: suas nuances históricas e diferença das Ordens Honoríficas”, onde buscamos refletir sobre as Ordens de Cavalaria Religiosas-Militares, este importante gênero de Ordens de Cavalaria, dedicadas à Defesa da Fé, aos cuidados dos pobres e mais necessitados, e ao Serviço da Igreja.

Este ano que se encerra foi um ano enviado de dificuldades, onde a perseguição aos Cristão aumentou, onde o aborto, crime horrendo e nefasto, foi permitido no Brasil por meio de uma hedionda ação do Supremo Tribunal Federal, e onde a Igreja de Cristo passou por período de dificuldades, causados pela conduta dúbia daqueles que deveriam guia-la, porém, confiemos em Deus para que o próximo ano seja melhor, e onde os Sagrados Corações de Jesus, Maria e José possam reinar cada vez mais.

Neste ano que se encerra, a pedido de nosso Arquiprior, Dom Antonio Carlos Rossi Keller, escrevemos uma carta aos membros da Conferência Episcopal Brasileira, carta esta que está sendo chamada pelo título de “Declaração de Westphalen” (por ter sido escrita em Frederico Westphalen, onde se encontra a Catedral Santo Antonio, Sede Religiosa do Grão-Magistério da Ordem) onde reiteramos a Independência da Ordem em relação à Santa Sé e a sua estrutura administrativa, e onde relembramos as boas relações e o apoio que sempre ocorreu entre a Ordem e o Episcopado brasileiro e das demais partes da Santa Igreja Católica.

Desejamos a todos uma boa e frutifica leitura!

Andre III Trivulzio-Galli

14º Príncipe de Val Mesolcina, 18º Duque de Venosa.

Chancelaria Geral das Ordens de Cavalaria da Casa Princesca de Trivulzio-Galli



Brasão de Armas Chancelaria Geral das Ordens de Cavalaria

A Chancelaria Geral das Ordens de Cavalaria é o órgão que reúne as administrações de todas as Ordens Dinásticas da Casa. É chefiado pelo Chanceler-Geral das Ordens de Cavalaria.

Com exceção da Sacra Ordem Dinástica, Equestre, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa, que por sua vez é uma Ordem de Cavalaria Religiosa, tem seus direitos reservados e todas as decisões são submetidas direta e imediatamente ao Grão-Mestre e seu conselho formado de membros da própria Ordem, o chamado Grão-Magistério.

O Chanceler-Geral das Ordens de Cavalaria atua, em Nome de Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe, perante todas as Ordens de Cavalaria promovendo as atividades habituais das Ordens.

É o Chanceler-Geral das Ordens de Cavalaria quem avalia os currículos dos interessados em tomar parte nas Ordens de Cavalaria da Casa Princesca.

O principal pilar de sustentação do Ministério da Chancelaria Geral das Ordens de Cavalaria é a lealdade à Coroa do Principado de Mesolcina, como símbolo da permanência da cultura mesoana, e da convivência fraterna e saudável entre os Cavaleiros e Damas das diversas Ordens Dinásticas. Sua Alteza Sereníssima o Príncipe Andre III Trivulzio-Galli, em sua posição como Soberano, Grão-Mestre e Protetor Hereditário de todas as Ordens Dinásticas, é a representação viva desta unidade.

Cabe ao Chanceler-Geral esse auxílio mais intimamente ligado ao Grão-Mestre de, junto com ele, coordenar a vida ordinária das Ordens.

Grandes Arquipriores: Mons. Antonio Carlos Rossi Keller, Cônego Regular Militense e Bispo de Frederico Westphalen - RS.



Monsenhor Antonio Carlos Rossi Keller, Bispo Diocesano de Frederico Westphalen – RS, é o atual Arquiprior da Sacra Ordem Dinástica, Equestre, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria.

Monsenhor Antonio Carlos nasceu em São Paulo aos 23 dias de fevereiro do ano de 1953. Filho da Sra. Yole Rossi Keller e Mário Keller, Mons. Antonio teve uma infância muito religiosa. Seu pai, Sr. Mário, era Congregado Mariano e criou seu filho, junto com sua esposa, na fé católica e devotadamente cristã, com fiel devoção à Santíssima Virgem.

Antonio Carlos, à época, fizera seu ensino primário no colégio dos Agostinianos e depois fizera seu colegial no Seminário Menor São Cura d’Ars. No período pré-seminarístico e

Nesta secção, traremos a memória dos Grandes Arquipriores que passaram pela Sacra Ordem Dinástica, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria.

de seminário, Antonio Carlos fora coroinha de Dom Bruno Maldaner que na época tinha sido nomeado Bispo-Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo.

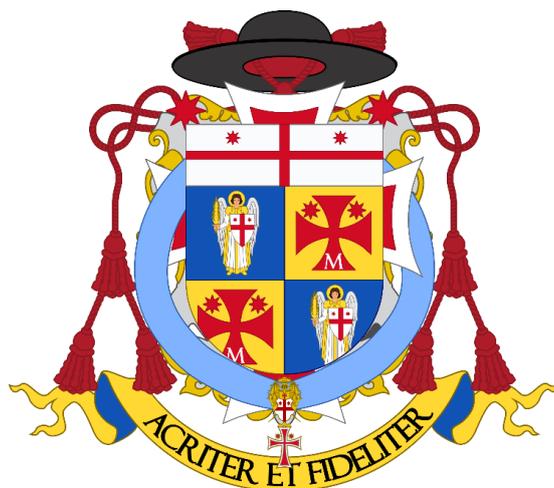
Durante os anos de 1972-1973 cursou filosofia e entre 1974-1977 cursava teologia no Seminário da Assunção. Fora ordenado Padre para a Arquidiocese de São Paulo aos 24 dias de julho do ano de 1977 no Santuário de Nossa Senhora da Penha, Santuário esse o qual nosso Arquiprior tem um dileto carinho e guarda vivamente o tempo em que lá fora vigário. Alguns anos depois, entre 1983-86 fora enviado à Roma para fazer o mestrado, fora intitulado Mestre em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Acompanhou a vida de muitos seminaristas da Arquidiocese, fora formador e Diretor Espiritual dos Seminários da Arquidiocese de São Paulo.

Depois de muito tempo dedicado ao povo de Deus que os arcebispos de São Paulo o confiara, Sua Santidade, o Papa Bento XVI o nomeia como IV Bispo de Frederico Westphalen-RS sucedendo assim, Dom Zeno que assumiria a Diocese de Novo Hamburgo. Não se sabe se por coincidência ou por providência, Dom

Antonio Carlos assumiria a Diocese a qual Dom Bruno, que o conheceu seminarista em São Paulo, governara quando saíra da função de Bispo-Auxiliar de São Paulo. Dom Bruno manteve-se com Arquiprior da Sacra Milícia até ao seu falecimento. Após o seu falecimento, Sua Alteza Dom Andre viu por bem nomear como XXXIX Arquiprior o então Bispo Diocesano. Mons. Antonio Carlos Rossi Keller é –

como todos os Arquipriores – Cônego Militense do Cabido da Casa Princesca e Arquiprior da Ordem. Tem como função principal a guia espiritual da Casa Princesca e seus membros, assim como da Ordem e seus membros. É conselheiro de Sua Alteza, o Príncipe, Dom Andre III Prinz von Trivulzio-Galli para os assuntos religiosos.

ACRITER ET FIDELITER



Coluna do Reverendíssimo Cônego Paulo Roberto de Oliveira, S.O.M,
Arquitesoureiro da Ordem.

Alguns mitos sobre as Cruzadas

Muitas pessoas, no Oriente e no Ocidente, consideram as Cruzadas uma mancha na História da Civilização Ocidental em geral, e da Igreja Católica em particular.

Mito nº 1: As Cruzadas foram guerras contra um pacífico mundo muçulmano que nada fizera contra o Ocidente. Não há nada de mais falso.

Desde os tempos de Maomé, os muçulmanos lançaram-se à conquista do mundo cristão. E fizeram um ótimo trabalho: após poucos séculos de incessantes conquistas, os exércitos muçulmanos tomaram todo o norte da África, o Oriente Médio, a Ásia Menor e a maior parte da Península Ibérica.

Em outras palavras: ao findar o século XI, as forças islâmicas já haviam capturado dois terços do mundo cristão. A Palestina, terra de Jesus Cristo; o Egito, berço do monaquismo cristão; a Ásia Menor, onde São Paulo estabeleceu as primeiras comunidades cristãs.

Não conquistaram a periferia da Cristandade, mas o seu núcleo. E os impérios muçulmanos não pararam por aí: continuaram pressionando pelo leste em direção a Constantinopla, até que finalmente a tomaram e invadiram a própria Europa.

Se uma agressão não-provocada existiu, foi a muçulmana.

Chegou-se a um ponto em que só restava à Cristandade defender-se ou simplesmente sucumbir à conquista muçulmana.

A Primeira Cruzada foi convocada pelo Papa Urbano II em 1095 para atender aos apelos urgentes do Imperador bizantino de Constantinopla, Aleixo I Comneno (1081-1118). Urbano convocou os cavaleiros cristãos para irem em socorro dos seus irmãos do Leste. Foi uma obra de misericórdia: livrar os cristãos do Oriente de seus conquistadores muçulmanos. Em outras palavras, as Cruzadas foram desde o início uma guerra defensiva. Toda a história das Cruzadas do Ocidente foi a história de uma resposta à agressão muçulmana.

Mito nº 2:

Os Cruzados traziam o símbolo da Cruz, mas o que realmente queriam eram as pilhagens e as terras. As intenções piedosas não passavam de máscara para encobrir a ganância e cobiça.

Uma opinião comum entre os historiadores é a de que o aumento da população na Europa originou uma crise, devida ao excesso de “segundos filhos” de nobres, treinados nas artes bélicas de cavalaria, mas sem terras ou feudos onde se estabelecer.

Por esse motivo, as Cruzadas seriam uma válvula de escape, mandando esses homens belicosos para longe da Europa, onde pudessem obter terras para si à custa dos outros.

Os pesquisadores atuais, graças à ajuda de bancos de dados computadorizados, desmontaram esse mito. Hoje sabemos que os “primeiros filhos” da Europa foram os que responderam ao apelo do Papa em 1095, e também nas Cruzadas seguintes.

Empreender uma Cruzada era uma operação extremamente cara.

Os Senhores tiveram que hipotecar suas terras para angariar os fundos necessários. Além do mais, não estavam interessados em reinos no além-mar. Como os soldados de hoje, o Cruzado medieval orgulhava-se de estar cumprindo o seu dever, mas queria voltar para casa. Após o espetacular sucesso da Primeira Cruzada, com Jerusalém e grande parte da Palestina em seu poder, quase todos os Cruzados voltaram. Somente um pequeno grupo ficou para consolidar e governar os territórios recém-conquistados.

Foram raras as pilhagens. Embora de fato sonhassem com as grandes riquezas das cidades do Oriente, praticamente nenhum Cruzado conseguiu recuperar os seus gastos.

Mas não foram nem o dinheiro nem as terras o principal motivo que os levaram às Cruzadas: o que queriam era fazer penitência pelos seus pecados e merecer a própria salvação fazendo boas obras em terras distantes.

Mito nº 3:

Quando os Cruzados tomaram Jerusalém em 1099, massacraram todos os homens, mulheres e crianças, enchendo as ruas de sangue até os tornozelos. Esse é o modo preferido de pôr em evidência o caráter malévolo das Cruzadas.

Num recente discurso em Georgetown, o ex-presidente Bill Clinton disse que esse foi um dos motivos pelos quais agora os Estados Unidos são alvo de terroristas (embora no citado discurso o Sr. Clinton tenha subido o nível do sangue até a altura dos joelhos, para dar mais ênfase). É certamente verdade que muita gente morreu em Jerusalém após a tomada da cidade pelos Cruzados. Mas o fato deve ser analisado no seu contexto histórico.

O costume vigente em todas as civilizações pré-modernas, tanto na Europa quanto na Ásia, era que se uma cidade resistisse à captura e fosse tomada pela força, sua posse caberia às forças vitoriosas. Isso incluía não somente os edifícios e os bens, mas também as pessoas.

Por isso, cada cidade ou fortaleza devia pensar muito bem se podia ou não resistir a um cerco: se não pudesse, o mais prudente era negociar os termos da rendição. No caso de Jerusalém, seus defensores resistiram até o último instante.

Calcularam que as imponentes muralhas da cidade conteriam os Cruzados até chegarem os reforços do Egito. Eles erraram: a cidade caiu e conseqüentemente foi saqueada. Muitos morreram, mas outros muitos foram aprisionados ou deixados livres para partir.

Pelos padrões modernos, isso talvez pareça brutal, mas até mesmo um cavaleiro medieval poderia replicar dizendo que nos bombardeios modernos morrem mais inocentes – homens, mulheres e crianças – do que seria possível passar ao fio da espada em um ou dois dias.

Convém lembrar também que nas cidades muçulmanas que se renderam aos Cruzados, as pessoas foram deixadas em paz, na posse das suas propriedades, e com permissão para praticar livremente a sua religião. Quanto às ruas cheias de sangue, nenhum historiador aceita isso: não passa de um mero recurso literário. Jerusalém é uma cidade grande, e a quantidade de pessoas que seria necessário abater para inundar as ruas com dez centímetros de sangue é muito superior à população de toda a região.

Mito nº 4: As Cruzadas não passaram de colonialismo medieval enfeitado com ornamentos religiosos.

É importante lembrar que, na Idade Média, o Ocidente não era uma cultura poderosa e dominante, que se lançava sobre uma região primitiva ou atrasada.

Era o Oriente muçulmano que era poderoso, próspero e opulento. A Europa era o terceiro mundo.

O Reino Latino de Jerusalém, fundado após a Primeira Cruzada, não era um latifúndio católico incrustado em terras muçulmanas, como depois viriam a ser as terras de plantio em algumas colônias ibéricas ou inglesas na América.

A presença católica nesse Reino sempre foi mínima: menos de um décimo da população. Católicos eram os governantes, os juízes, alguns mercadores italianos e os membros das ordens militares: o resto, a imensa maioria da população, era de muçulmanos.

O Reino de Jerusalém não era uma colônia agrícola nem industrial, como depois viriam ser as da América ou da Índia: era apenas uma cabeça-de-ponte fortificada.

A intenção primordial dos Cruzados era defender os Lugares Santos na Palestina – principalmente Jerusalém – e garantir um ambiente seguro para que os peregrinos cristãos pudessem visitá-los.

Nenhum país europeu funcionava como metrópole, no sentido de manter relações de exploração econômica, nem havia na Europa quem se beneficiasse economicamente com a ocupação. Muito pelo contrário: as despesas das Cruzadas e da manutenção do Reino Latino de Jerusalém ceifaram pesadamente os recursos europeus. Como posto avançado, o Reino de Jerusalém manteve-se sempre atento ao seu papel militar.

Enquanto os muçulmanos guerrearam entre si o Reino esteve a salvo, mas quando se uniram, conseguiram conquistar as fortalezas, capturar as cidades e em 1291 expulsar os cristãos definitivamente.

Mito nº 5: As Cruzadas combateram também os judeus.

Nenhum Papa jamais conclamou uma Cruzada contra os judeus. Durante a Primeira Cruzada, um grande bando de arruaceiros – que não fazia parte do exército principal – decidiu atacar as cidades da Renânia para matar e roubar os judeus dali. As razões para esse ato foram por um lado a pura cobiça, e por outro a falsa crença de que os judeus, por terem matado Jesus Cristo, eram também alvos legítimos das Cruzadas.

O Papa Urbano II e os seus sucessores condenaram energicamente esses ataques, e os bispos locais – juntamente com o clero e os leigos – fizeram o que podiam para defender os judeus, embora com pouco sucesso. Algo parecido ocorreu na fase inicial da Segunda Cruzada, quando um grupo de renegados matou muitos judeus na Alemanha, até que São Bernardo os apanhou e pôs um fim a isso.

Essas falhas foram um infeliz subproduto do entusiasmo pelas Cruzadas, mas nunca o seu objetivo. Para usar uma analogia moderna: durante a Segunda Guerra Mundial alguns soldados cometeram crimes quando estavam em outros países (pelos quais, aliás, foram presos e punidos), mas isso não justifica dizer que o objetivo da Segunda Guerra foi o de cometer crimes.

Mito nº 6: As Cruzadas foram algo tão vil e degenerado que houve até uma Cruzada das Crianças.

A chamada “Cruzada das Crianças” de 1212 nem foi uma Cruzada nem consistiu num exército de crianças. Foi uma onda de entusiasmo religioso especialmente prolongada na Alemanha que levou alguns jovens – na maior parte adolescentes – a se autoproclamarem Cruzados e começarem a marchar rumo ao Mediterrâneo.

Ao longo do caminho foram recebendo grande apoio popular, e a companhia de não poucos bandoleiros, ladrões e mendigos. O movimento se desmembrou quando chegou à Itália e terminou quando o mar se recusou a abrir-se para dar-lhes passagem...

O Papa Inocêncio III não convocou essa tal “Cruzada”, pelo contrário: pediu insistentemente para que os não combatentes ficassem em casa e apoiassem o esforço de guerra apenas com jejuns, orações e esmolas. Nesse episódio, depois de louvar o zelo e a disposição desses jovens que tinham marchado até tão longe, mandou-os de volta para casa.

Mito nº 7: O Papa João Paulo II pediu perdão pelas Cruzadas.

É um mito curioso, porque João Paulo II – que já havia pedido perdão por todas as injustiças que os cristãos cometeram ao longo dos séculos – foi muito criticado justamente por não ter pedido perdão expressamente pelas Cruzadas.

É verdade que João Paulo II pediu perdão aos gregos pelo saque de Constantinopla em 1204, durante a Quarta Cruzada, mas o Papa da época, Inocêncio III, também já tinha manifestado o seu pesar a respeito desse trágico incidente. Da sua parte, Inocêncio III fizera tudo para evitar que isso acontecesse.

Mito nº 8:

Os muçulmanos, que conservam uma viva lembrança das Cruzadas, têm toda a razão em odiar o Ocidente.

De fato, o mundo muçulmano tem uma lembrança das Cruzadas tão boa quanto a do Ocidente, ou seja, uma lembrança incorreta. Isso não deve surpreender-nos, pois os muçulmanos obtêm a sua imagem das Cruzadas através mesmas histórias mal contadas que o Ocidente.

O mundo muçulmano costuma celebrar as Cruzadas como uma grande vitória sua (aliás, eles venceram mesmo).

Mas os autores ocidentais, envergonhados do seu passado imperialista, inverteram os papéis e passaram a pintar as Cruzadas como uma agressão e os muçulmanos como pacíficos sofredores agredidos.

Fazendo isso, simplesmente omitiram os séculos de triunfos muçulmanos, e em seu lugar colocaram apenas o consolo do vitimismo.

Notícias da Ordem

Diário de Publicações:

Nomeação de Comendador Jurisdicional

Frederico Westphalen-RS, Sua Alteza Sereníssima o 14º Príncipe de Val Mesolcina, Grão-Mestre da Ordem, nomeou como novo Comendador Jurisdicional da Comendadoria de São José dos Campos na Delegação Provincial de São Paulo, na Lugar-Tenência do Sul do Grão-Bailiado Magistral do Brasil o Cavaleiro de Graça Magistral **Sir Marcio de Melo Braga**.

Nomeação de Delegado Provincial

Frederico Westphalen-RS, Sua Alteza Sereníssima o 14º Príncipe de Val Mesolcina, Grão-Mestre da Ordem, nomeou como novo Delegado Provincial da Delegação Provincial do Ceará na Lugar-Tenência do Norte Oriental do Grão-Bailiado Magistral do Brasil o Cavaleiro de Graça e Devoção **Sir Paulo Roberto de Sousa Fernandes**, II Cavaleiro-Hereditário de Sousa-Fernandes, que dessa forma será o 7º Delegado Provincial do Ceará.

Nomeações Religiosas:

Nomeação para Prior de São Paulo e Capelão-Geral

Frederico Westphalen-RS, Sua Alteza Sereníssima o 14º Príncipe de Mesolcina, Grão-Mestre da Ordem, tendo em vista os parágrafos 2º e 4º do Artigo 111 do Código de Cavalaria da Ordem nomeou como novo Prior e como novo Capelão-Geral da Delegação Provincial de São Paulo na Lugar-Tenência do Sul do Grão-Bailiado Magistral do Brasil os Reverendíssimos Cavaleiros-Capelães de Devoção Pe. Alessandro de Faria (como Prior) e Pe. Gian Paulo Ruzzi (como Capelão-Geral).

Nomeação para Prior do Ceará

Frederico Westphalen-RS, Sua Alteza Sereníssima o 14º Príncipe de Val Mesolcina, Grão-Mestre da Ordem, tendo em vista os parágrafos 2º e 4º do Artigo 111 do Código de Cavalaria da Ordem, nomeou como novo Prior da Delegação Provincial do Ceará na Lugar-Tenência Norte-Oriental do Grão-Bailiado Magistral do Brasil o Reverendíssimo Cavaleiro-Capelão de Obediência ad Honorem Cônego Edson da Cruz Sousa, Cônego da Casa Princesca de Trivulzio-Galli della Mesolcina.

Eventos 2016

Visita de Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe, Dom Andre III Prinz von Trivulzio-Galli a Delegação Provincial de São Paulo.





Missas em Honra ao Beato Bartolomeo de Breganze, Beato Grão-Mestre da Ordem, no Priorado do Ceará e de São Paulo

No Ceará:



Em São Paulo:



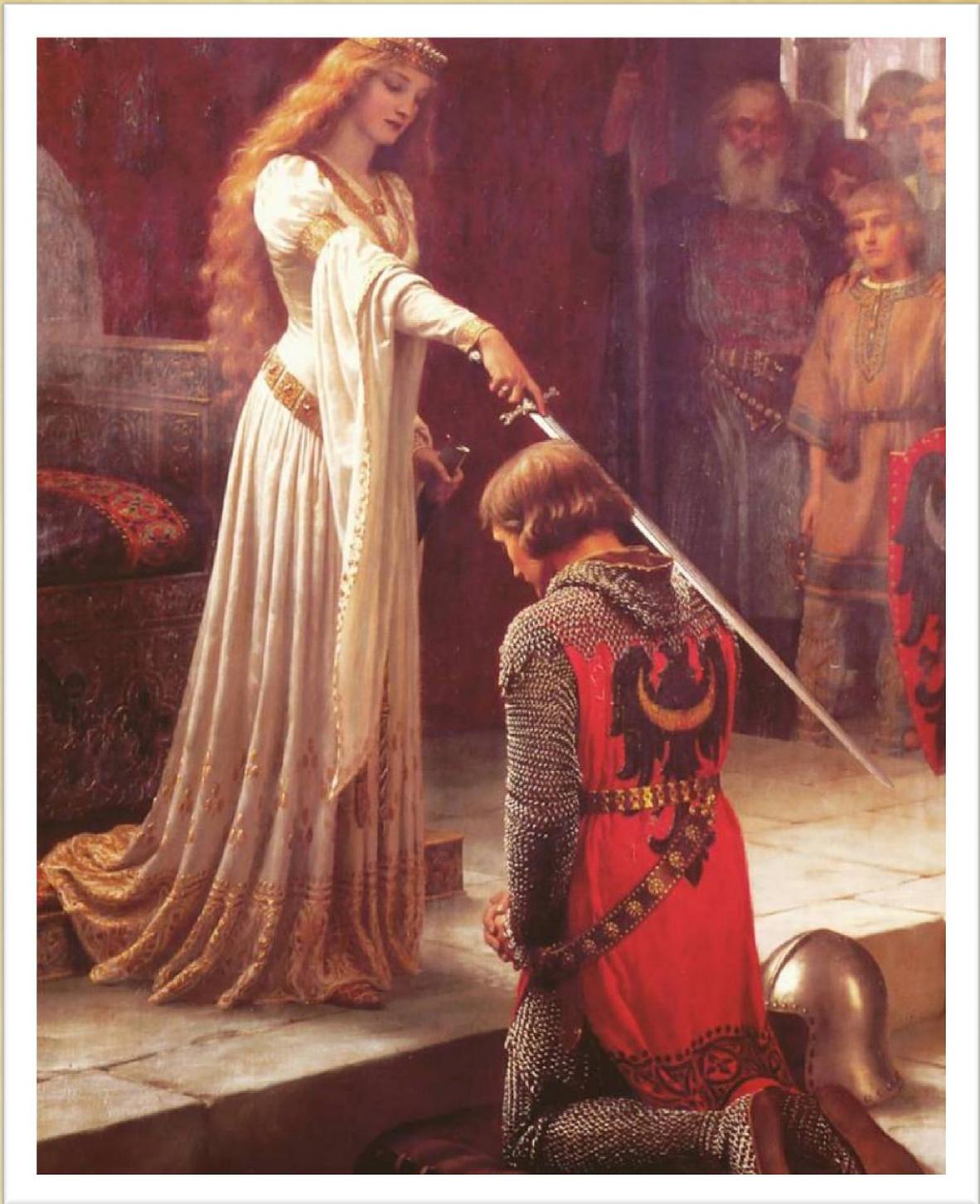
De passagem por São Paulo, em audiência privada, os Cavaleiros, Sir Márcio de Melo Braga, Cavaleiro-Comendador de Graça Magistral, S.O.M e Sir Paulo Roberto de Sousa Fernandes, Cavaleiro de Graça e Devoção, S.O.M encontraram-se com Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe, Dom Andre III Prinz von Trivulzio-Galli.

Sir Márcio Braga e sua esposa:



Com Sir Paulo Roberto:





As Ordens Religiosas Militares-Equestres e suas nuances históricas e diferenças das Ordens Honoríficas

Por Andre Prinz von Trivulzio-Galli, 14º Príncipe de Val Mesolcina e do Sacro Império Romano-Germânico.

Para o Leitor menos atento, poderia até parecer que todas as Ordens de Cavalaria são iguais, todavia isso não é assim. As Ordens Religiosas-Militares foram criadas entre o século XI ao século XVI, sempre com um Missão que lhe conferia o Romano Pontífice. Todavia, as Ordens Honoríficas, que são criadas até hoje, e que não possuem outro caráter que aquele honorífico e simbólico. Por terem sido criadas por Bula Papal, apenas as Ordens Religiosas-Militares possuem algum caráter Canônico e, por isso mesmo, apenas elas podem realizar Missas de Investidura. As Ordens Honoríficas não possuem ligação direta com a Igreja e por isso mesmo seus membros são investidos em cerimônias civis, com ou sem elementos religiosos.

Mas não é apenas a falta de Vida Religiosa que diferencia às Ordens de Cavalaria das Ordens Honoríficas: Apenas as Ordens Religiosas-Militares possuem Hábitos e Mantos Capitulares que seus Cavaleiros e Damas envergam em seus Serviços Litúrgicos, coisa não permitida às Ordens meramente honoríficas.

Como dissemos acima, as Ordens de Cavalaria-Religiosas-Militares foram criadas entre o século XI ao século XVI sendo a última a ser criada a Ordem de Santo Estefano Papa e Mártir em 1562. Por terem sido criadas em um período determinado as Ordens de Cavalaria-Religiosas-Militares são um grupo fechado, que podem listar, e - assim o faremos - por ordem de criação:

- **Ordem de São Tiago d'Altopascio**, também chamada de **Ordem dos Cavaleiros del Tau**, Fundada na Toscana em 1050 e que, por Bula Papal de 1587, foi unida à Ordem de Santo Estefano Papa e Mártir, **Ordem Dinástica da Casa Grão-Ducal da Toscana**;

- **Soberana e Militar Ordem Hospitalária de São João de Jerusalém, dita de Rodes, dita de Malta**. Fundada no ano de 1050, e Reconhecida por Bula Papal em 1113;

- **Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém**, criada no ano de 1099: a Ordem foi criada com Cavaleiros e Cônegos Regrantés. O Papa Pio IX em 1848 a torna uma **Ordem de Cavalaria unida à Santa Sé**;

- **Ordem dos Pobres Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo no Templo de Salomão**, também chamada de Ordem dos Templários. Criada entre os anos de 1118-1119 (Reconhecida por Bula Papal em 1139), **extinta em 1312**;

- **Ordem Militar de São Lázaro de Jerusalém**, criada em 1142, **unida depois em 1573 por Bula Papal à Ordem de São Maurício, formando a Ordem Dinástica dos Santos Maurício e Lázaro, Ordem Dinástica da Casa Real de Savoia**;

- **Ordem Militar de São Bento de Avis**, Fundada em Portugal em 1147, e tornada como **Ordem Dinástica da Casa Real Portuguesa em 1555**;

- **Ordem Militar de Alcântara**, fundada em 1156 no Reino de Leão. **Tornada Ordem Dinástica da Casa Real Espanhola em 1522;**
- **Ordem Militar de Calatrava**, fundada em 1158 no Reino de Castela. **Tornada Ordem Dinástica da Casa Real Espanhola em 1482;**
- **Ordem Militar de Santiago**, fundada em 1170. **Tornada Ordem Dinástica da Casa Real Espanhola em 1482;**
- **Ordem do Monte Gioia**, Fundada em 1180, **unida depois à Ordem Militar de Calatrava;**
- **Sacra e Militar Ordem Costantiniana de São Jorge**, provavelmente fundada em 1190, **depois Ordem Dinástica da Casa Real de Bourbon-Duas Sicílias e de Bourbon-Parma;**
- **Ordem Militar do Hospital Teutônico de Santa Maria de Jerusalém**, ou simplesmente, **Ordem Teutônica**, Fundada em 1193;
- **Ordem de Cipro**, também conhecida como **Ordem do Silêncio e da Espada** fundada em 1195 por Guido de Lusignan em Jerusalém, **extinta;**
- **Ordem do Monte das Oliveiras**, Fundada em 1197 pelo Rei Balduino de Jerusalém. **Extinta;**
- **Ordem de Cristo e da Espada**, também chamada de Ordem Livoniana (Schwertbrüder). Fundada em 1202 por Albrecht von Buxthoeven, sendo a única Ordem de Cavalaria-Religiosa-Militar fundada em solo germânico. **Foi depois unida à Ordem Teutônica;**
- **Sacra Ordem Dinástica, Equestre, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria**, dita **Sacra Ordem da Milícia (S.O.M.)** ou dos Cavaleiros da Mãe de Deus. Ordem criada em 1209 pelo Conde Simon IV de Montfort, com o nome de **MILÍCIA DE JESUS CRISTO**. Reconhecida por Bula PapaL em 1233. **Tornada Dinástica da Casa Princesca de Trivulzio-Galli della Mesolcina em 1565;**
- **Ordem de Santa Maria das Mercedes pela Libertação dos Escravos**, Fundada na Catedral de Barcelona por São Pietro Nolasco, São Raimundo de Penafort e pelo Rei James I de Aragão, em 10 de agosto de 1218;
- **Ordem da Fé de Jesus Cristo**. Fundada em 1220 na França. **Já extinta;**
- **Ordem dos Cônegos da Cruz e da Estrela Vermelha**. Ordem Religiosa fundada em 1233 por Santa Agnes da Boêmia;

- **Ordem Militar de Santa Maria.** Fundada em 1261 pelo Papa Urbano IV, e em seguida unida à Milícia de Jesus Cristo, formando assim a **Sacra Ordem Dinástica, Equestre, Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria, dita Sacra Ordem da Milícia (S.O.M.)** ou dos Cavaleiros da Mãe de Deus, Ordem que, como vimos, foi tornada **Dinástica da Casa Princesca de Trivulzio-Galli della Mesolcina em 1565;**

- **Ordem dos Cavaleiros Guelfos.** Ordem Fundada em Florença em 1266 pelo Papa Clemente IV. **Já extinta;**

- **Ordem Militar de Montesa.** Ordem Fundada em 1312, **tornada Dinástica da Casa Real Espanhola em 1587;**

- **Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo.** Fundada em Portugal em 14 de março de 1319 pela bula pontifícia "Ad ea ex-quistibus" do Papa João XXII, que, deste modo, atendia aos pedidos do rei Dom Dinis. Recebeu o nome de Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo e foi herdeira das propriedades e privilégios da Ordem do Templo;

- **Ordem Militar do Santíssimo Salvador e de Santa Brígida da Suécia.** Fundada por Santa Brígida em 1366, e aprovada pelo Papa Urbano V em 1370. **Já extinta;**

- **Ordem do Dragão.** Criada em 1387 por Sigismundo, Rei da Hungria, e depois Sacro Imperador Romano-Germânico, e depois confirmada pelo Papa Eugênio IV em 1433. **Já extinta;**

- **Ordem dos Cavaleiros Cruzados da Sociedade de Jesus Cristo,** Fundada em 13 de janeiro de 1459 pelo papa Pio II. **Já extinta;**

- **Ordem dos Crucíferos, ou Ordem Militar dos Crucíferos com Estrela vermelha em Campo Azul.** Fundada no século XII, e **declarada extinta pelo Papa Alessandro VII em 1656;**

- **Ordem de Santa Maria de Belém,** criada em 19 de janeiro de 1459. **Já extinta;**

- **Ordem de São Maurício,** criada pelo Duque Amadeo VIII de Savoia como Ordem Dinástica da Casa de Savoia. É unida, em 1573 com a Ordem de São Lázaro, para formar a **Ordem Dinástica dos Santos Maurício e Lázaro, Ordem Dinástica da Casa Real de Savoia;**

- **Insigne Sacra Militar Ordem de Santo Estefano Papa e Mártir,** criada pelo papa Pio IV em 1º de fevereiro de 1562 com a Bula "His quae", como **Ordem Dinástica da Casa Grão-Ducal da Toscana.**

Como podemos ver, foram criadas 30 Ordens de Cavalaria-Religiosas-Militares, das quais, 9 já estão extintas, 6 foram unidas a outras Ordens, ou incorporadas pela Santa Sé, 11 tornaram-se Ordens Dinásticas de Casas Principescas, 1 tornou-se apenas religiosa, deixando de ser Ordem de Cavalaria, permanecendo assim apenas 3 como Ordens Militares-Religiosas independentes, como no ato de sua Fundação, e estas são a Ordem de Malta, a Ordem Teutônica, e a Ordem dos Mercedários. Como pode-se ver, sempre que alguém afirmar fazer parte de alguma Ordem de Cavalaria Religiosa e Militar, deve-se pedir informações mais precisas, para saber se, a pessoa de fato faz parte de uma Ordem Religiosa-Militar, que pode realizar Missas de Investidura, ou se apenas faz parte de uma Ordem Honorífica, que são as Ordens legitimamente criadas por um Monarca, Chefe de Casa Real ex-Reinante ou Chefe de Estado, e que tem a única missão como a de premiar os méritos de seus cidadãos.

E mesmo que uma Ordem Honorífica, ou mesmo, uma "ordem" claramente falsa, ou seja, que não tenha sido Criada por Bula Papal, nem por um Monarca; Chefe de Casa Real ex-Reinante ou Chefe de Estado, mesmo que utilize os Ritos de Investidura (Benedictio Novis Militis), jamais poderá ser tida como Ordem Religiosa-Militar, pois mesmo que um determinado Bispo, realize todos os atos próprios do Consistório, como que "criando" um novo "cardeal", o ato careceria de validade, uma vez que apenas o Papa pode criar novos Cardeais. Assim mesmo, de igual forma que um Bispo realize todos os atos para "investir" um novo "cavaleiro", porém sem que isso se faça dentro de uma Ordem Religiosa-Militar verdadeira, o ato carecerá de toda e qualquer validade, uma vez que apenas o Papa, por meio de Bula Pontifícia, pode criar uma Ordem de Cavalaria-Religiosa-Militar, o que sabemos, já não se faz desde 1562, quando a Insigne Sacra Militar Ordem de Santo Estefano Papa e Mártir, Criada pelo papa Pio IV com a Bula "His Quae", como Ordem Dinástica da Casa Grão-Ducal da Toscana foi criada, sendo esta, a ÚLTIMA ORDEM RELIGIOSA-MILITAR A SER CRIADA NA HISTÓRIA DA SANTA IGREJA CATÓLICA.



Um Cavaleiro, uma Dama e seu Grão-Mestre: uma crônica.



Sir Márcio de Mello Braga,

Comendador Jurisdicional de São José dos Campos - SP
Cavaleiro-Comendador de Graça Magistral da Sacra Ordem Dinástica, Equestre,
Militar e Hospitalar da Milícia de Jesus Cristo e de Santa Maria Gloriosa;
Cavaleiro-Comendador da Ordem Dinástica e Militar de São Teodoro Mártir.

Deo Favente!

Era a manhã do dia 27 de julho, do Ano da Graça de Nosso Senhor de 2016, feriado em nossa cidade. Recebemos outrora um convite para irmos ao encontro de nosso Grão-Mestre, o qual fora acolhido com gáudio imenso, afinal todo nosso contato com ele ocorrera apenas em meios virtuais. Minha esposa e eu chegamos a São Paulo, sob a tranquilidade de um dia proporcionado por Deus como tantas benesses que recebemos de Sua infinita liberalidade dia após dia. Passo a passo cruzávamos a Rua São Bento até chegarmos ao Largo de São Francisco.

Havia em nós grande expectativa, além de imensa preocupação. Afinal não andava bem de saúde por aqueles dias e queríamos transparecer a nossa reta intenção ao pensarmos no ingresso às fileiras da Sacra Milícia.

Tal foi nossa surpresa ao chegarmos no local onde encontramos Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe Dom Andre III. Não fomos nós que o encontramos, seria a colocação perfeita: ele nos encontrou. Isso figura bem a missão dada a Sua Alteza por nosso Senhor, pois o bom pastor deixa as noventa e nove ovelhas no aprisco e vai ao encontro da que se perdeu (cf Mt XVIII, 12). Assim foi nossa sensação ao ver Sua Alteza deixando sua nobre posição e levantando-se apressadamente para nos acolher! Eis para nós a identidade da nobreza – que posteriormente fora tão bem colocada por nosso irmão de hábito, o Conde de Vicalvi, ao dizer que a nobreza é aquela que emana dos títulos mas que será tão mais notoriamente percebida nos atos!

Passada a acolhida, nos convidou a uma agradável conversa onde expôs, com autoridade, quem somos e a que nos colocamos enquanto Cavaleiros e Damas. Ali percebemos que sua posição não era apenas de um coordenador, nem tão somente de gestor: sendo minha esposa e eu mais velhos que ele em idade, constatamos ser a figura de um pai.

O pai é aquele que se preocupa com o bem estar dos filhos, mas também é aquele que atribui responsabilidades enquanto educa. Sim, era assim que nos tratava. Confiou missões nunca dantes imaginadas por nós! O governo de uma Ordem de Cavalaria tão antiga (onde tantos homens de profundos vigor, valentia e sabedoria governaram) recaía sobre este Homem diante de nós. O Evangelho diz que Jesus ao se referir a Pilatos é incisivo ao falar “nenhuma autoridade terias (...), se de cima não lhe fora dado” (Jo XIX, 11), e da mesma forma São Paulo diz aos Romanos “Todos devem sujeitar-se às autoridades superiores; porquanto, não, há autoridade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Ele” (Rm XIII, 1). Ouvíamos Sua Alteza a nos ensinar enquanto no interior refletíamos seu múnus de Grão-Mestre como outorga da Graça Divina a ele, e sua Dinastia. E ensinava como um pai.

Tamanha foi nossa surpresa quando ele nos pediu para expor impressões e dúvidas! Minha esposa e eu fomos educados na fé Católica em nossos lares, mas a maior parte de nossa formação recebemos num Mosteiro Beneditino. Nos Mosteiros aprendemos a ouvir o Abade com solicitude, mas reconhecemos no Abade uma autoridade intocável no Mosteiro. Isso foi pensado por São Bento para manter a organização nos primeiros séculos de atividade da Ordem. No entanto, nosso Grão-Mestre nos pedia palavras, impressões, dúvidas! O leitor é capaz de imaginar como reagimos! Passada a comoção intelectual, expusemos nossas colocações. Sua Alteza nos ouvia sem interromper, com olhos fitos em nós e sorriso nos lábios. Ao passo que terminei, Dom Andre quis ouvir também minha esposa, sem pressa. As mulheres que leem essas linhas podem pensar e chegar assertivamente à uma conclusão: elas têm seu espaço na Ordem! Nosso Grão-Mestre as acolhe mui bem – e quão bem as ouve!

No que diz respeito a espiritualidade, quanto nos exortou Sua Alteza a sermos bons Católicos! Ele mostrou sua preocupação em sermos bons marianos, propagadores da devoção à Bem Aventurada Virgem Maria, nossa Excelsa Suserana. Alertava-nos do valor da Santa Missa, da obediência ao Romano Pontífice e do socorro aos menos favorecidos pelas circunstâncias da vida – tornar a miséria mais suportável, me dirá posteriormente. Quanto nos consolou saber que, ante características tão fortes como amabilidade, paternalidade, autoridade e sabedoria, constatamos sua piedade. Um conforto que convida à reflexão. Afinal, se somos Cavaleiros e Damas da Sacra Milícia, revestidos de uma posição ante a sociedade que deve ser modelar, banhada de uma nobreza particular outorgada pelo Altíssimo, revista deve ser constantemente a nossa piedade. Com a Graça de Deus, contamos com o exemplo de nosso Grão-Mestre nesse sentido.

Quanto tempo tinha passado? Uma hora? Duas? „*Mein Gott*“! Quanto tempo tomávamos dele! O mesmo tempo que não víamos passar.

Sáimos dali com a sensação que mais recebemos que damos. Chegamos com a intenção de oferecer nossa lealdade à Sua Alteza, à Casa Princesca e à Ordem, e fomos nós a sair presenteados! Quanto foi agraciado nosso Grão-Mestre com o dom de injetar em nossas veias o sentimento de pertença, a Consagração à Virgem Maria! Quando nos falava da bravura que deve existir no coração de nossos Cavaleiros e Damas, sobretudo nesse tempo em que nem todo inimigo é de carne e osso – e no entanto deve ser combatido com veemência – quanto nos sentíamos envolvidos com tal responsabilidade! A visita a Dom Andre foi assunto de todo o nosso dia!

Com isso percebemos como os Desígnios Divinos atuaram em favor de nossa Ordem! Era o momento de termos os valores da Sacra Milícia acesos no coração da Igreja. E para ser voz d’Ele, responsável por abrasar os corações, quanto Nosso Senhor quis contar com um Trivulzio-Galli de fibra! Alguém que trouxesse a identidade de um Condottiere. Cremos não ter conseguido expressar ao final deste encontro (e seria uma pretensão consegui-lo nessas poucas linhas) o tamanho de nossa gratidão a Sua Alteza. Assim sendo, fazemo-lo através de nossas preces. No caminho de volta saindo Escritório do Príncipe, no Largo São de Francisco, passando pela Rua São Bento, percebemos que a paisagem não mudara. O que de fato mudara: nossos ombros. Embora trajássemos as mesmas roupas, Sua Alteza fez que sobre nossos ombros já repousasse, através de missão e amizade, o manto dos Cavaleiros da Mãe de Deus. Ut in omnibus glorificetur Deus.

Especial: Imagem



Especial Imagem: Grandes Armas da Dinastia de Trivulzio-Galli, Brasão de Sua Alteza Sereníssima, o Príncipe, Dom Andre III Prinz von Trivulzio-Galli, apresentado com os elementos heráldicos da Ordem Militar do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo, dita Ordem da Redenção, uma das Ordens de Sua Alteza o Príncipe. O brasão fora desenhado, a pedido do Príncipe Soberano a um dos Reis-de-Armaz do Tribunal Heráldico da Casa de Val Mesolcina, O Rei-de-Armaz de Leão e de Alvito, Sir Hamilton de Carvalho.